

A FAMÍLIA NA HIPERMODERNIDADE



"[2] *Ensinarei enigmas de nosso passado, [3] histórias que ouvimos e conhecemos, que nossos antepassados nos transmitiram. [4] Não esconderemos essas verdades de nossos filhos; contaremos à geração seguinte os feitos gloriosos do SENHOR, seu poder e suas maravilhas. [5] Pois ele estabeleceu seus preceitos a Jacó, deu sua lei a Israel. Ordenou a nossos antepassados que a ensinassem a seus filhos, [6] para que a geração seguinte, os filhos ainda por nascer, a conhecesse, e eles, por sua vez, a ensinarão a seus filhos. [7]*

Portanto, cada geração deve pôr sua esperança em Deus, não esquecer seus poderosos feitos e obedecer a seus mandamentos. [8] Assim, não serão como seus antepassados, teimosos, rebeldes e infieis, que se recusaram a confiar em Deus de todo o coração." (Salmos 78.2-8 – Nova Versão Transformadora)

Mesmo em ambientes denominados cristãos, falar sobre família não é algo simples de se fazer. Ainda mais porque, em muitos momentos, falta em nós certa medida de coragem para tratar de alguns assuntos delicados – às vezes até constrangedores – mas que fazem parte da realidade de vida de muitos lares evangélicos. Há um paradoxo entre aquilo que consideramos como arquétipo de família ideal e a real imagem família que transmitimos para as pessoas.

Todos nós fazemos parte de uma sociedade caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista. A essa estrutura sociocultural, que vem desde o final dos anos oitenta e se estende até os dias atuais, foi dado o nome de “pós-modernidade”. De modo geral, a pós-modernidade representa a “quebra” com antigos modelos de pensamento linear defendidos na era moderna pelos iluministas. A pós-modernidade vem para expor a total falência das ideias tidas como certas e verdadeiras pelos pensadores modernos. Ela questiona as grandes utopias e antigas certezas que antes eram defendidas pelos iluministas. Dessa forma, verdades outrora absolutas, ganharam contornos relativos e passaram a ser vistas como conjunto de meras hipóteses ou especulações. As principais impressões produzidas pela pós-modernidade são a substituição do pensamento coletivo pelo sentimento individualista; a valorização do “aqui e agora”; a subjetividade; a fragmentação de estilos, tendências e culturas; e a banalização ou ausência de valores.

Com o passar do tempo, o termo “pós-modernidade” se tornou vago e já não consegue exprimir o momento atual da sociedade humana, que agora atende por outro nome: hipermodernidade. A hipermodernidade é caracterizada pela cultura do excesso, do sempre mais. Todas as coisas se tornaram intensas e urgentes. O movimento é constante e as mudanças ocorrem em ritmo quase esquizofrênico, no qual a flexibilidade e a fluidez aparecem como tentativas de acompanhar essa velocidade. Hipermercado, hiperconsumo, hiperespaço, hipersônico, hipersensível: tudo é elevado à

potência do mais, do maior. Na hipermodernidade o tempo é acelerado. É o reinado da urgência. As agendas estão lotadas. O tempo extrapola o mundo do trabalho. Trata-se de nova cultura individualista que privilegia o imediatismo, o consumismo e o hedonismo. A hipermodernidade tem, como uma de suas maiores vítimas, a estrutura familiar.

A família é um projeto de Deus, é a base da sociedade. Por isso ela sofre ataques constantes pelo hipermodernismo. Mesmo a família cristã não está imune a estes ataques. A igreja é formada por um conjunto de famílias. Quando uma estrutura familiar cristã é abalada, os alicerces da igreja são diretamente afetados. Ciente disso, o inimigo de nossas almas busca a destruição da igreja através do seu ponto mais vulnerável: a família. Assim que uma família se posiciona contra o relativismo, o secularismo, o pragmatismo, o materialismo e os modismos atuais, ela imediatamente começa a sofrer pressões.

No contexto da hipermodernidade, a homossexualidade passou a ser vista como “opção de vida”. O adultério deixou de ser traição e agora é tratado como “aventura”. O aborto não é mais considerado assassinato e é visto como “direito constitucional que a mulher tem sobre o seu corpo”. Como se isso já não bastasse, nos últimos anos o número de divórcios supera o de casamentos em um mesmo período. Para se ter ideia, dados de pesquisa recente elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o número de casamentos no Brasil caiu 3,7% e os divórcios cresceram 4,7%. Só na cidade de São Paulo, os casamentos registrados caíram 4,22% enquanto os divórcios encerrados em primeira instância cresceram 11,13%. A razão é que os tempos mudaram e cada vez mais pessoas têm escolhido relações que não estão necessariamente associadas à monogamia e ao casamento tradicional. Na prática as pessoas assumem menos compromissos de longo prazo (como casamentos) e desistem antes de relações que nossos pais levavam mais tempo para renunciar.

O sociólogo e filósofo polonês Zigmund Bauman (1925-2017), autor de vários livros com análise profundas da sociedade, utilizou a figura da liquefação para descrever nosso tempo. Para Bauman, nada é sólido. Tudo é líquido, isto é, tudo se desfaz, se desmancha, nada é duradouro, seguro, firme. Vivemos em tempos líquidos. Na modernidade líquida a cultura é rebelde, há dificuldade em se amar o próximo, o convívio afetivo é destruído, há ausência de diálogo e a lealdade se tornou tesouro raro. O apóstolo Paulo descreve com clareza o atual momento em que vivemos. Ele diz: *“Saiba que nos últimos dias haverá tempos muito difíceis. Porque as pessoas só amarão a si mesmas e ao dinheiro. Serão arrogantes e orgulhosas, zombarão de Deus, desobedecerão a seus pais e serão ingratas e profanas. Não terão afeição nem perdoarão; caluniarão outros e não terão autocontrole. Serão cruéis e odiarão o que é bom, trairão os amigos, serão imprudentes e cheias de si e amarão os prazeres em vez de amar a Deus. Serão religiosas apenas na aparência, mas rejeitarão o poder capaz de lhes dar a verdadeira devoção”* (2Timóteo 3.1-5 – Nova Versão Transformadora).

Precisamos da compreensão dos ensinamentos da hipermodernidade para que seja possível combatermos aquilo que for contrário às Escrituras e ao mesmo tempo comunicarmos a Palavra de Deus de forma eficiente para as famílias dessa geração. Em seu livro “A morte da razão”, o teólogo e filósofo americano Francis Schaeffer (1912-1984) afirma que *“cada geração defronta com o problema de aprender como falar ao seu tempo de maneira comunicativa. É problema que não se resolve sem compreensão da situação existencial, em constante mudança, com que se defronta. Para que consigamos comunicar a fé cristã de modo eficiente, portanto, temos que conhecer e entender as formas de pensamento da nossa geração”*. Em outras palavras, é necessário conhecer e falar a língua dos adolescentes, dos jovens, dos idosos, dos órfãos, das viúvas, dos marginalizados etc. Foi com esse princípio em mente que o apóstolo Paulo escreveu: *“Embora eu seja um homem livre, fiz-me escravo de todos para levar muitos a Cristo. Quando estive com os judeus, vivi como os judeus para levá-los a Cristo. Quando estive com os que seguem a lei judaica, vivi debaixo dessa lei. Embora não esteja sujeito à lei, agi desse modo para levar a Cristo aqueles que estão debaixo da lei. Quando estou com os que não seguem a lei judaica, também vivo de modo independente da lei para levá-los a Cristo. Não ignoro, porém, a lei de Deus, pois obedeco à lei de Cristo. Quando estou com os fracos, também me torno fraco, pois quero levar os fracos a Cristo. Sim, tento encontrar algum ponto em comum com todos, fazendo todo o possível para salvar alguns. Faço tudo isso para espalhar as boas-novas e participar de suas bênçãos”* (cf. 1Coríntios 9.19-23).

Na passagem bíblica citada inicialmente, Asafe fala da obrigação de cada família em compartilhar suas experiências e seu conhecimento de Deus com o próximo. Essas são as armas que usaremos para combater as más influências da hipermodernidade sobre a nossa família. No texto bíblico o autor assume compromisso pessoal de abrir a boca (v. 2) e transmitir à sua família tudo o que ouviu e aprendeu com os pais no passado (v. 3) sobre o poder de Deus e sobre as maravilhas que Ele fez (v. 4). Asafe ressalta que tal atitude não facultativa, mas mandamento do Senhor (v. 5). Como resultado, os seus filhos porão sua esperança em Deus, não esquecerão seus poderosos feitos e obedecerão a seus mandamentos (v. 7). Não há razão para agirmos de forma diferente em relação aos membros da nossa família.

Portanto, em um mundo tomado pelas desigualdades sociais e pela descrença generalizada nos valores morais e éticos, cabe à igreja – mais do que nunca – fazer a diferença em sua geração, a começar pelo fortalecimento de suas famílias. Precisamos nos mostrar como pessoas diferentes, sem que para isso nos tornemos em seres esquisitos. A defesa da nossa fé, em meio ao contexto da hipermodernidade, dever se mostrar equilibrada, contextualizada e não alienada. Que nossas conversas sejam sempre amistosas e agradáveis, a fim de que tenhamos a resposta certa para cada pessoa (cf. Colossenses 4.6).

Soli Deo Gloria.